

## A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA SOCIEDADE CAPITALISTA

“*Já não consumimos coisas, mas somente signos*”. Partindo desta afirmação de Jean Baudrillard (1991), sociólogo e filósofo francês, iniciamos aqui uma breve discussão sobre a produção de sentidos na cultura capitalista.

O indivíduo senhor de si, autogestionário, é um sonho antigo da humanidade. No entanto, somente com os adventos revolucionários do século XVIII, o homem pôde, então, vislumbrar tal completude. Através de processos produtivos industrializados, independentes do indivíduo e capazes de atender desde as mais ínfimas necessidades às mais complexas, reacendem-se as chamas da esperança, tendo em vista o discurso corrente que requer um indivíduo que seja unidade de corpo e mente.

A divisão do trabalho encerrada no modo de produção capitalista faz aflorar características que tornam o homem social e individual simultaneamente. Essas individualidades são as forças essenciais à construção da riqueza social. As relações do homem com a sociedade, pouco a pouco vão se modificando. Suas necessidades e relações de consumo também.

Nos primórdios do *homo-sapiens*, o consumo era vinculado à sobrevivência. O homem matava para se alimentar e para vestir a pele dos animais, a fim de se aquecer no frio, mantendo-se vivo. Esse pensamento foi a base das relações sociais de muitos séculos, mas veio a cair por terra pouco a pouco, e com o advento do Capitalismo, acabou por se modificar.

A automatização gerou um excedente de produção que precisava ser vendido, era necessário que o indivíduo “coisificado” pelo mercado, fruto desse processo produtivo estratificado, sentisse a necessidade de “usufruir” de seu próprio trabalho. As relações pessoais se modificam. O “ter” por sobrevivência já não supre as necessidades básicas do ser humano. É preciso acumular, ostentar, desfrutar a vida em sua plenitude. O consumo deixa de ser somente de valores de uso, de utilidades materiais, passa-se a consumir o significado que as coisas têm na sociedade.

O indivíduo, dentro de sua individualidade capitalista, deixa de ser individual para ser coletivo. Já não lhe bastam suas necessidades individuais, ele precisa atender suas necessidades coletivas para se sentir um ser social integrado e ativo.

Desta forma, a produção de sentidos que permeia sua vida deixa de ser exclusividade sua, passando a pertencer ao mundo, ou seja, sua vida torna-se estetizada, bombardeada por imagens e objetos descontextualizados que evocam uma sede de consumo cujo resultado é o aumento desenfreado do lucro no Capitalismo.

Essa pseudo-supervalorização do individualismo traz, como conseqüência, a supervalorização de conceitos sociais difundidos para uniformizar o pensamento coletivo, com vistas à manutenção da ordem social, preservando o sistema de castas que sustenta o processo produtivo e a obtenção do lucro.

A busca por uma identidade social padrão, aceitável pela comunidade, pressupõe um comportamento padrão. O homem condicionou-se a desempenhar seu papel social conforme seus objetivos individuais/coletivos, uma vez que seu sucesso depende da aprovação do grupo. O que faz sentido para ele está intimamente vinculado ao que faz sentido para o grupo.

Isso posto, concluímos que a liberação da individualidade humana pressupõe escravidão. Em meio à riqueza abundante, a miséria individual aumenta, reforçando valores capitalistas e condicionando o pensamento do homem, de modo a coibir desvios diante do processo que impõe desejos coletivos e iguais.

Denisia Gomes Pimenta, graduanda em Letras Português-Inglês, Faculdade Saberes.